

# A CONCISÃO DAS PALAVRAS

VANESSA LOCATELLI PIETROBELLI

Não acredito que poeta e poesia se escolham, ou se descubram num determinado momento. Para mim, poeta e poesia nascem abraçados e crescem juntos, daí sua cumplicidade quando, na mesma linguagem e expressão, fundem-se num só ente, o poema. É o que se reflete nos escritos da Vanessa Pietrobelli.

Ao lermos suas obras, esta e as anteriores, podemos identificar duas fases distintas. A primeira, de textos longos, bucólicos, metafóricos, existenciais. A outra, deste livro, ainda mais madura, com textos mais curtos, alguns minúsculos até. Serão haicais disfarçados? A concisão das palavras, porém, não diz menos; expressa mensagens mais densas, instigantes, carregadas de significados.

Por ora, parece não haver nada definitivo para os inquietos – esse é o caminho de ambas, a poeta e a poesia. Mas, seja qual for a tendência – determinada pelo “agora” –, o que importa é que elas continuam caminhando juntas, falando, em parceria, com o mesmo sentimento e leveza. A cada tic-tac, sigamos, então, seus passos. E desse jeito não perderemos nada. Boa leitura!

Vanessa Locatelli Pietrobelli

A concisão das palavras:  
poemas



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2015



Vanessa Locatelli Pietrobelli

A concisão das palavras:  
poemas

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)  
e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 25/02/2015

---

P626c Pietrobelli, Vanessa Locatelli

A concisão das palavras [recurso eletrônico] :poemas/  
Vanessa Locatelli Pietrobelli. –PassoFundo :Projeto  
PassoFundo,2015.

108 Kb ;PDF.

ISBN 978-85-8326-111-7

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## APRESENTAÇÃO

Decidi ser poeta sem tomar decisão alguma. Poeta nasce e ponto final, não há muito que escolher. Comigo, ergui as pálpebras e lá estava o mundo, cabia a mim exercê-lo com palavras.

Aos sete anos, descobri que Quintana tinha razão quando escreveu que quem faz um poema, abre uma janela. Tinha toda a razão. Mas, então, questionei-me: se quem faz um poema, abre uma janela, o que se abrirá a quem faz vários?

Essa inquietude minha permaneceu latente, por anos seguidos de produção poética constante. Foi sensato e inerente crer na poesia que vinha de forma espontânea, sem força, mansa como uma metáfora. É fato que nunca busquei palavras, mas fui buscada por elas, por isso, não concebia que a arte dos versos pudesse ser lapidada, que a palavra pudesse ser esculpida, pensada, construída à mercê de tijolos. Eis que descubro Manoel de Barros.

E com Manoel eu descubro que tudo aquilo que não invento é falso. Que a terapia literária consiste em desarrumar a linguagem ao ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos. Que palavra acostuada não vira brinquedo e se não se brinca com a transitividade dos verbos, com o paralelismo das sentenças, com as classes gramaticais, com a superfície mais insignificante da palavra, morre-se de tédio.

A Concisão das Palavras veio com a medicina e salpicada de astúcias. A muitos, esse parecerá um livro lógico, afinal, quem estuda cadáveres há de ser sério e de pensar em demasia, há de escrever com pressa, em função dos relógios. Entretanto, meu esforço racional mais profundo foi algo não muito dessemelhante a um riso frouxo de criança arteira.



Pela primeira vez, em toda essa vida de poesia, brinquei com a gramática e colhi poemas. Tudo tão espontâneo que foi fácil descobrir o que acontece a quem faz dois, três, cem poemas! Quem faz poemaS, afinal, abre mil miocárdios.

Uma excelente leitura!

Vanessa Locatelli Pietrobelli





## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Minha primeira ordem	11
A caneta	12
Licitação de Jornal	13
A grande história da humanidade	14
A Língua	15
Meu corpo é uma usina de fadigas	16
A nanogota de sangue	17
A palavra solidão	18
Academia de Letras	19
Auto-parasitismo	20
Camisa de listras	21
Crendice	22
Linha	23
Da maravilha das sílabas que meus sete anos sa- boreiam	24
Devaneios	25
Energúmena avenida	26
Tic-tac	27
Espectros	28
Cigarro	29
Permissão	30
Oferta	31
Gula	32
Exército de ninguém	33
Facções	34
O oco	35
Hoje toda a dor do mundo me dói	36
Incômodos de João	37
Lirismo	38



Triste poema	39
Mecânica dos sólidos	40
Metabolismo	41
Crime	42
Minhas tonsilas	43
Não cursei literatura	44
Amargo	45
Neologismos da fantástica idealista branca	46
Eu e o Mundo	47
Branco	48
O derradeiro	49
O diabinho na veia	50
O horizonte do poema	51
O livro entreaberto	52
Poeta	53
Olhai os lírios	54
Verão	55
Os poemas	56
Meu primeiro formol	57
Palmilhar	58
Para os barros, para as lamas	59
Pelos versos livres	60
Anonimato	61
Perdão, pianista!	62
Perplexidade	63
À Lua	64
À penicilina de Dr. Fleming	65
Plantei uma árvore	66
Porque o amor tem quatro letras.	67
Para que seja	68
Professorando	69



Quase haicai 70  
Que assim o façam 71  
Quinze mariposas 72  
Receita para fazer ruídos 73  
Regalias 74  
Menina 75  
Rimar 76  
Sangue 77  
Sem título 78  
Sherlock 79  
Sim, Doutor! 80  
Tijolinhos cinza 81  
Palavreamento 82  
Um lápis azul 83  
Vistoria 84





## **Minha primeira ordem**

Mastiga a caneta  
Pra ver se engole as palavras.



## **A caneta**

A caneta  
Eclipsou a palavra.  
Umbra. Penumbra.  
Penumbra. Umbra.



## Licitação de Jornal

O silêncio anda escasso  
Escondido na algibeira das calças dos poetas.  
Favor despi-los.



## **A grande história da humanidade**

As palavras eram tão insanas  
Que sumiram do papel.





## A Língua

As reticências  
Têm sabor de azeitona.



## Meu corpo é uma usina de fadigas

Meu corpo é uma usina de fadigas  
E que bailando em leitos tristes  
Oxida sangue, ácido ribonucléico, salamandra primitiva.

Pudemos conviver, meu corpo e eu,  
Com acordos de silêncios  
Posto que as células se calassem  
Frente a qualquer palavra.  
E quando a essência largar desse chão de terra  
Ao meu corpo, restará ser só poema.



## **A nanogota de sangue**

A nanogota de sangue  
Que me esvai o pernilongo  
Pela madrugada  
Sufoca outros trinta poemas  
E acende centenas de insônias  
Até que seja parida a manhã  
E as páginas albinas  
Morreram de sol.



## A palavra solidão

A palavra solidão  
É só  
Mas a solidão, em si,  
Tem mais companhia  
Que tu e eu juntos.  
É que ela anda  
Juntando legiões silenciosas  
Que os seres humanos  
Estão palmilhando.  
Bonita essa palavra, não é?  
Acho que vou inventar  
Um poema com esse nome.



## Academia de Letras

Estou malhando as palavras  
Para desenvolver-lhes os músculos.  
Bastariam seus significados  
Mas deram para designar-lhes corpo.



## Auto-parasitismo

As veias não são iguais  
Os tempos são outros  
Clandestino  
É o meu substrato  
Enraizada nesses troncos leitosos  
(que me arde a inconstância)  
Sugar a seiva da palavra  
É o que tenho para o almoço  
Para o jantar, talvez,  
Eu tenha de sorver outros romances  
E outros tantos dígrafos...  
Talvez eu tenha de amarrar-me  
A tiras de metal no substrato.  
Querer sair me entranha em mim  
Sugar  
Sugar novamente  
As veias tortas  
Os tempos de nunca.



## Camisa de listras

Camisa de listras  
Produz surdez nas palavras  
Se quiseres ser ouvido  
Usa a pele crua



## Crendice

Tenho opinião formada:  
Se ao sul o céu é vermelho,  
A chuva está longe.  
Se dói o joelho,  
Vá a um ortopedista  
Mas se tu sentires na boca um gosto estranho de palavra,  
Corre ao papel que é poesia!





## Linfa

saberia a doçura do teu sangue  
com um teste de glicose  
mas  
jamais saberia a grossura  
do teu miocárdio  
posto que a vida  
é uma mentira



## Da maravilha das sílabas que meus sete anos sa- boreiam

E  
Ter  
No.  
E  
Ter  
Na  
Men  
Te  
E  
Ter  
No

O delineio das palavras nascidas.



## Devaneios

No bloco de notas  
eu escrevo um poema  
só porque é bonito escrever no bloco de notas  
acho que descobri a beleza da vida.



## Energúmena avenida

Que linda lua  
Demasiada clara  
Para morrer de equações.  
O equinócio rouba dos arranha-céus  
As tintas e as rachaduras.  
Mas, que linda a lua  
Para viver de ignorância!



## Tic-tac

Envelhecer  
É função dos relógios.



## Espectros

Desenhei borboletas em suas mãos  
E odiei tê-la visto de olhos  
Assim brilhando  
Infantes como metáforas.  
Repeti tantas vezes  
O desvelo das asas  
Como se saísse voando  
De pura ilusão cutânea.



## Cigarro

Estou fumando o lápis  
E inundando o cômodo escuro  
De combustão lírica.  
A fome  
É só uma palavra com quatro letras.



## Permissão

Eu te deixo  
Bichar-me de estimação  
Para ser tua melhor amiga.  
Eu deixo minhas veias em  
Qualquer esquina  
Para ser só aço  
Para ser só minha.





## Oferta

Eu te ofereço  
Esse maço de teias mortas  
Para a tessitura do teu poema.  
Por vinte anos  
A escova de dentes  
Esmurrou tua arcada  
E de ímpeto nenhum  
Nunca criaste um só rebanho de palavras.  
Agora  
Eu te ofereço  
Esse maço de teias  
[aquelas acumuladas  
Em todos os cantos do teu silêncio]



## Gula

Eu tenho ganas  
De escrever 'urubu' com 'h'  
Um desejo tão forte de cometer esse crime  
Tanto quanto a palavra 'úmido'  
Que me estremece a mão de gula!



## Exército de ninguém

Eu poetizo quando o mundo me engole.  
Frames tantos de avenidas e vitrines  
Sussurram versos tortos  
Nas caras inexpressivas dos consumidores.  
Livro de poetas  
Foi para enganar a marca estrangeira ou a catedral ou o shopping  
Ou a mim mesma.  
Livro de poetas  
Vem-me nos passos da calçada exata  
No singelismo dos semáforos  
No ar de toda a selva.  
Assim  
Quando o mundo me engole  
Nas paradas de ônibus  
Na medicina inalcançável  
No caixa eletrônico sem adjetivo  
Na escada e na chave/fechadura e na correspondência  
Só então é que me sabatina o ofício dos versos.



## **Facções**

Feita de pano  
Eu fui pregada  
Bisturis de quitina  
Quebrando-me as articulações.  
Da ala dos retalhos  
Vim  
Feita toda  
Para a celulose.



## O oco

Garrafas vazias  
Estão cheias de tempo  
Um tempo parado  
Um tempo pesado  
Medido em quilogramas  
Gramas  
Amas  
Garrafas vazias estão  
Vazias de vácuo  
Precisam de silêncio  
Não querem refletir o mar como conchas  
Deixa as garrafas vazias  
Vazias



## Hoje toda a dor do mundo me dói

Hoje toda a dor do mundo me dói  
É a dor de mim mesma  
É a dor de quem repudia o socialismo a rua a bandeira o poema  
É dor de quem não encontra nada  
De quem não procura  
É dor de quem vejeta no errado



## Incômodos de João

A abstinência do EU  
Operou-me anomalias eternas:  
Fogos de artifício, números, celulosos  
Tudo eu ponho em primeira pessoa!



## **Lirismo**

A poesia  
É a abstinência do mundo.





## Triste poema

Macularam o poema com rimas  
E agora o pobre diabo  
Padece de pneumonia.  
Tosse por horas  
Escarra versinhos  
Regurgita haicais.  
Os doutores suspeitam também  
De esquizofrenia  
Ferida que atrai versos brancos  
Para a medula espinhal.



## Mecânica dos sólidos

O chão

É

O

Limite.

O alçapão é o seu complemento.



## Metabolismo

Pijama rasgado  
Alma rasgada  
O bicho de estimação  
Do teu álder-ego  
Regado a sangue



## Crime

Meu poema mais puro  
Quis enforcar-se  
Com a minha veia.  
Eu disse-lhe que havia  
O junco, o arame, as cordas.  
Mas ele queria um fim  
Hematófago.  
Ele queria viver  
Mais do que eu.



## **Minhas tonsilas**

Minhas tonsilas  
Tão lindas na endoscopia  
A vibrar poesia!  
A vibrar poesia!



## **Não cursei literatura**

Não cursei literatura  
Mas tenho um professor bom.  
Quando tiver o bisturi na mão  
Eu juro que faço um poema.



## Amargo

Não há uma raposa no meu pátio,  
Tem uma raposa no meu pátio  
Que está a subir pela sacada  
E você achando que eu amaria os animais  
Verá esta senhora digna de poemas  
Desejando as vísceras da raposa  
Tanto quanto as vísceras da língua portuguesa.



## Neologismos da fantástica idealista branca

Vou desenhar o tédio  
Para conjugar as gravuras  
Das pessoas do discurso.  
Vou tediá o entédio  
Para entediá a mim mesma  
Nessas rimas forçadas.  
Há quem reconheça meu dote de pincel de telas  
Há quem ignore meus traços.  
Por hora, foco a encefalizar o ócio.





## Eu e o Mundo

Nunca estive em Toronto.  
Lá estiveram todos meus colegas.  
Mas já estive meio tonto  
De tanta casca que há neles.  
Ando tonto por quase nada  
Nos últimos dias.  
Já estive no quarto de minha casa.



## Branco

O céu sem nuvens estaria  
De acordo com o teu humor  
Não fosse o rosto infeliz que tu escondes  
(Sob essa face)  
E então deveria de estar negro, o céu  
Ou tu  
Que é o mesmo que você  
E vosmecê e todos nós nessa cruel gramática  
Em que fomos nos meter.  
Contudo,  
Para ti as nuvens só têm formas  
Quando estás alegre  
E falas que nos dias estranhos  
Ou o céu está vazio  
Ou as nuvens ocas de significados.  
E eu,  
Que não sou gramaticista nem bióloga  
Fico a encontrar tanto hibridismo  
De palavra e bichos  
Em tuas conjunturas.



## O derradeiro

Não quero acreditar na vista  
Preciso trair as retinas  
Eu não transformei a luz  
Em sinais elétricos  
Para enxergar  
Que há árvores  
De páscoa.



## O diabinho na veia

Tu  
Que não sabes  
Que essa pele que te saltas na pálpebra do olho esquerdo  
É a veia rebelde do teu corpo condescendente.  
Perdeste todo o tempo da tua vida.



## O horizonte do poema

Vasculho-MEnsuró-TEnramente

O viés da inconsciência

Cia.

Companhia

De domingos

De comércios

Das Índias Orientais

De flores laticínios botecos políticos ladrões. O horizonte do poema  
é comprido.



## O livro entreaberto

O livro entreaberto  
A cara amassada  
A respiração, um compasso  
Dormindo com poesia  
Em cima de páginas azuis.



## Poeta

O poeta cresce às avessas,  
Nasce velho, propenso a silêncios  
Morre menino, com sabor de metáfora.



## **Olhai os lírios**

Olhai os lírios  
Que crescem debaixo das escadas  
E cheiram a fumo  
Os lírios esquecidos nas esquinas  
Ao lado de diplomas  
Olhai os lírios  
Que não são do campo  
Mas que o cimento alimenta





## Verão

Olhe que nem estou inventado  
Para enfatizar a poesia:  
Na parede do meu quarto  
Mora um vaga-lume  
Às vezes, perto da tomada,  
A luz dele fica mais forte.  
Como são úteis essas lamparinas!



## Os poemas

Dizem que falam.  
Mas são mudos de nascença.



## **Meu primeiro formol**

O olho esquerdo chorando  
O bisturi firme na mão destra  
E a carteira recheada de impressões tuas.  
Ninguém nunca se esquece do seu primeiro formol.



## **Palmilhar**

Palmilhar  
Não é inventar palmilhas  
Para os pés!  
Pés têm de ser descalços  
Para estuprar a terra.  
Palmilhar mesmo  
É como ter um estetoscópio mais apurado  
Que apalpa o vento  
Para auscultar o infinito.



## Para os barros, para as lamas

Requisitos mínimos  
Para a poesia:  
Ter um olho  
Com defeito de ave.  
Saber o alfabeto  
Em ordem decrescente.  
Injetar Manoel na veia cava  
Pelo menos duas horas  
Depois do nascimento.



## Pelos versos livres

E por dever um título  
O moço da barba branca  
Já nos engole as sinapses.  
Mas, por dever um título  
He-mos de atacar o moço  
[da barba branca]  
E lhe destinar a frieza  
De papeis clandestinos.  
Ora, quintaneamos foragidos  
Pedintes de sombra  
Para cheirar nos becos  
O odor selvagem  
Da poesia verdadeira



## Anonimato

Please,  
Leve-me ao Plaza  
E me dê um quadro  
Pinte-me como eu pensaria  
No dia de minha aurora  
Dê-me a fossa condilar e um forame  
Um canal  
Uma tevê e um copo sujo de impressões digitais



## Perdão, pianista!

Tu amanheceras para cafés  
E, tão sutil  
Calculaste o silêncio numa equação.  
Assim, efêmero como o pó,  
Pediste também pelas enfadonhas métricas.  
Eu quis achar a rima, pianista.  
Juro-te que a busquei,  
Mas, vejas tu,  
[nestas pobres linhas]  
Que tudo o que me restou  
Foram estes versos brancos e livres.





## Perplexidade

Tão raro  
Já Baleastrin  
Fareja-me de níquel.  
Espero a digressão dos pronomes  
Porque vivemos não de linhas exímias,  
Mas, meu doutor, de entrelinhas.



## À Lua

Eu saberia quão frias  
Estão tuas retinas  
Enquanto eu enxergo a avenida  
Nos meus olhos errantes.  
Daqui da janela  
Já possuo a insônia  
Desses teus clarumes de leite  
E do jorro das tuas gotas de lágrimas.  
Mas de que me valeria saber  
Em que modo verbal eu escrevo  
Se tu, para sempre banharás de prata  
O vazio dos meus olhos  
E a consistência dos meus versos?



## À penicilina de Dr. Fleming

Estou tentando os bisturis.  
Estou tentando um registro de esfaquear dermes.  
Mas me parece, a cada dia,  
Que a ciência dos papéis em versos  
É que me designa os diplomas.



## **Plantei uma árvore**

Plantei uma árvore  
Chamada Meu Milho Preferido  
No pátio de casa.  
Todo mundo fala da helioverpa  
E eu só pensando na raiz quadrada de um poema elevado na sexta.



## Porque o amor tem quatro letras.

Para ser capaz de amar  
Há que nascer-se para dentro,  
Há que morrer-se de pedra  
E ressuscitar-se de junco.  
Para ser capaz de amar  
Há que sorver o ar das cidades,  
Há que expirar sensações de flores.  
Há que reinventar-se  
Milhões de vezes.  
Para ser capaz de amar  
Há que recitar dicionários,  
Há que ler Quintana,  
Há que saber escrever  
A palavra amor.



## Para que seja

Pouco importa  
Se faça  
Se tesoura  
Se navalha  
Se a puta que pariu da falácia filosófica e  
Do diagrama de não sei quem.  
Importa é que corte, doutor.



## Professorando

Explodir  
É uma palavra com azia



## Quase haikai

Quase que eu resvalo no chão  
E caio no fundo poço dos teus olhos  
E descubro o sabor da lágrima  
E descubro-te as pálpebras.





## Que assim o façam

Há uma rachadura no teto.  
Os engenheiros demolirão as vigas.  
Eu, nessa hora,  
Já isenta  
Dessas pseudo- superfícies,  
Desmorono para dentro.  
Quisera o relógio  
Andar assim tão cansado.



## Quinze mariposas

Quinze mariposas  
Grudadas no mosquito  
Fitam-nos por sobre a renda  
Do sono e dos tecidos.



## Receita para fazer ruídos

Quando eu piso em folhas secas  
Tenho a impressão  
De que meus ossos se quebram.



## Regalias

Nascer poeta  
É uma incógnita.  
Não nego.  
Mas temos as nossas regalias  
Estamos isentos da gramática  
E podemos inventar qualquer palavra  
Por mais estranha que seja  
Ainda assim dirão que é poesia.  
Não que nos prevaleçamos disso,  
Com certeza que não  
É só que  
Não gostamos de dicionários.



## Menina

Ribombam as trovoadas  
O raio reluz ao longe.  
‘O céu raiou’  
- diz a criança.  
O céu raiou.



## **Rimar**

É  
A disenteria  
Do poeta



## Sangue

Pede-se a lajota  
E é recebido o cimento.  
Mas o cimento é demasiado negro  
Para minhas sonambulâncias.  
Hei de despertar perto das onze  
E encontrar minha vaga  
Nos despojos dos desgostos.



## Sem título

Um caderno estava murchando  
Então lhe dei água  
Para ver se o reanimava.  
Dei sol. Dei sal,  
Dei nitrogênio e farelos de quitina. Ração de postura. Lactobacilos.  
Moluscos.  
Dei enxofre. Biotônico, ritalina e antitérmicos.  
Por fim  
Só se curou com grafite.





## Sherlock

O irrelevante do meu corpo  
Não está nos caninos brancos,  
No pulso mais magro  
Em que o relógio dança valsas.  
O irrelevante do meu corpo não está aqui:  
Na friagem mais morna  
Na madrugada mais cedo  
No úmido mais seco.  
O irrelevante do meu corpo  
Jamais o descobriram  
Na ausência dos nexos oracionais.  
É que, talvez,  
Jamais tenham descoberto  
Que corpos e poemas se fundem.



## **Sim, Doutor!**

Perguntei aos meus olhos  
Porque não mais enxergavam  
Eles não responderam.  
E então fui embora  
Larguei as rimas pelo caminho  
Sangrando versos em todas as estações  
Eu quis laçar as retinas  
Quis lentes  
Quis sorrisos  
Mas, na ciranda dos silêncios  
Entendi que não eram os olhos  
Que se escureciam,  
Era a alma que sangrava.



## Tijolinhos cinza

Morro a cada segundo  
E não porque o tempo passe.  
Envelheço mil anos  
Em uma gota de orvalho,  
Quisera eu morrer de cognição!  
Não desejava rimar,  
Mas palavra mais cabível  
Não encontrei:  
O tempo me mata  
É de percepção.



## Palavreamento

Tomem por TU, o poema

Para que eu diga:

- Tu és o culpado da celulose!
- Tu és o não ser do que foi sido.



## Um lápis azul

Um lápis azul  
Numa folha negra  
Não irá gerar uma metáfora  
Pobre e comum  
Que tu esperas  
Um lápis azul  
Numa folha negra é  
Só um lápis azul  
Numa folha negra



## Vistoria

Deu uma vontade de escrever um poema  
Que se chame Vistoria.  
Mas eu não sei o que se escreve num poema com esse título.  
Você, caro leitor, compreenda  
Que um poeta  
Também tem gula.







Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





**V a n e s s a   L o c a t e l l i**  
Pietrobelli nasceu em 1995, em Constantina, RS; acadêmica de medicina e poeta, aos 16 anos ocupou a cadeira de nº 52 na Almurs (Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul); participou das antologias "Fatos, histórias e contos do meu município I e II" Ed Caravela; "100 Poemas 100 Poetas" e " Cantos Seletos " Ed LiteraCidade; "Dispersos de Maria Pequena" Ed Projeto Passo Fundo; colaborou no livro "Constantina – 50 anos de história e histórias" WS Editor; Em 2013, lançou "Faces", seu primeiro livro de poemas individual pela Ed Evangraf e, em 2014 o livro "Entre os silêncios do meus versos brancos", 2º colocado no Prêmio LiteraCidade;

A Concisão das Palavras veio com a medicina e salpicada de astúcias. A muitos, esse parecerá um livro lógico, afinal, quem estuda cadáveres há de ser sério e de pensar em demasia, há de escrever com pressa, em função dos relógios. Entretanto, meu esforço racional mais profundo foi algo não muito dessemelhante a um riso frouxo de criança arteira.

Pela primeira vez, em toda essa vida de poesia, brinquei com a gramática e colhi poemas. Tudo tão espontâneo que foi fácil descobrir o que acontece a quem faz dois, três, cem poemas! Quem faz poemas, afinal, abre mil miocárdios.

Uma excelente leitura!



978-85-8326-110-0



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura